

Coluna do Castelo

JORNAL DO BRASIL

O futuro bloco do governo no Senado

Em reunião com senadores que o apóiam o presidente Fernando Collor confirmou a decisão de armar um bloco no Senado, nos termos permitidos pelo regimento da casa, e deixar que na Câmara os partidos que o apóiam se articulem apenas informalmente. Isso significa que o governo terá candidato a presidente do Senado mas dificilmente fará o mesmo na Câmara, na qual deverá prevalecer a distribuição tradicional de postos entre as diversas bancadas que a compõem. A presidência da Mesa do Senado, como se sabe, é a mesma que dirige os trabalhos do Congresso, razão suficiente para levar o governo a procurar evitar o que se passou este ano, quando um senador oposicionista, no comando eventual do Congresso, causou embaraços à política oficial.

O presidente da República deu também instruções aos seus líderes e ao ministro da Justiça para sondarem o senador José Sarney e atraí-lo para uma cooperação ativa. O ex-presidente, que foi procurado no Maranhão pelo senador Hugo Napoleão, presidente do PFL, informou que não pretende pelo menos por enquanto se desligar do PMDB, partido pelo qual se elegeu senador no Amapá. Isso não o impedirá, no entanto, de ter uma atitude cooperativa em relação ao governo e de concordar com os deputados do seu grupo no Maranhão que se dispõem a ter participação aberta na frente governis-



ta. Sarney não pretende criar embaraços a Collor.

Quanto à presidência do Senado fala-se em dois nomes para o posto. O do senador Marco Maciel e o do senador Guilherme Palmeira. O primeiro encontraria dificuldades motivadas por recentes atritos com a bancada baiana, em especial com o deputado Luís Eduardo Magalhães, em torno de votação de matéria do interesse da Bahia. Se o governador eleito Antônio Carlos Magalhães concordar, no entanto, em referendar a tendência do ministro Jarbas Passarinho de fazer líder do bloco governista o senador Josafá Marinho, isso poderá facilitar o caminho de Maciel. Como se sabe o PFL voltou a ser partido dominante no Nordeste e lá as duas principais bancadas são as de Pernambuco e da Bahia.

O outro nome falado para a presidência do Senado é o do senador Guilherme Palmeira, de bom trânsito na bancada. Contra ele alega-se apenas ser representante de Alagoas e que assim sua eleição importaria em dar a chefia nominal de outro poder da República a um alagoano. Se tal argumento prevalecer e se Marco Maciel não conseguir superar a resistência baiana ao seu nome, a presidência do Senado poderá ir para outro representante do Nordeste, como, por exemplo, o senador Hugo Napoleão, até maio presidente nacional do PFL. A bancada pefelista do Piauí é composta de dois senadores e sete deputados federais.